

Contrôle e fomento da agricultura

P. L. M. DAY

(Correspondente no Brasil do Grupo Exportação dos Fabricantes de Máquinas Agrícolas da Grã-Bretanha)

Mr. Day, eminente técnico industrial inglês, altamente especializado em assuntos técnicos de agricultura, percorreu, há um ano, os principais centros de agricultura brasileira, elaborando, na base de suas impressões, relatórios que tiveram a mais favorável repercussão, tanto nos meios oficiais brasileiros como no estrangeiro.

Tendo se estabelecido ultimamente no Brasil, Mr. Day escreveu a convite da Redação da "Revista do Serviço Público" o presente artigo, em que focaliza de modo imensamente interessante os mais momentosos e relevantes problemas do fomento da agricultura em nosso país, tecendo, ao mesmo tempo, comentários dignos de toda a atenção a respeito do modo com que essas atividades estão sendo conduzidas no Brasil e na Inglaterra (N. da R.).

DISPENSA exame detalhado a questão de ser ou não em benefício de um país que o seu rendimento de produtos agrícolas seja o maior possível. A riqueza nacional de nenhum país pode basear-se inteiramente na sua produção industrial, sendo que até na Grã-Bretanha, primordialmente país industrial, o govêrno achou necessário tomar medidas consideráveis a fim de ampliar a produção agrícola. O problema básico de qualquer país não é, porém, procurar aumentar a sua produção agrícola, mas sim de que modo se deve efetuar êsse aumento.

Os pormenores dos problemas no Brasil são inteiramente diferentes, claro está, dos que afetam a Grã-Bretanha, sendo de interêsse, no entanto, estudar os métodos usados para a sua solução, e notar que, muito freqüentemente, meios semelhantes têm sido experimentados em ambos os países.

Os agricultores de tôdas as partes do mundo são, invariavelmente, individualistas obstinados, independentes, que não toleram de bom grado a imposição de qualquer contrôle. Seria, pois, de supor que, na Inglaterra — país tradicionalmente individualista e cujos agricultores já haviam solucionado muitos dos seus problemas por si sós, através de muitos séculos e perante a força das necessidades econômicas — o contrôle governamental seria extremamente difícil. Muito se fez, no entanto, mesmo antes da guerra, para desenvolver a agricultura do país nas direções, que mais apropriadas pareciam, embora tenha havido muitas queixas de que poucos foram os estadistas que se interessaram pela agricultura do país.

Um dos exemplos importantes do principal método empregado, foi o do fomento da produção de açúcar de beterraba, que foi alcançado por subsídio direto, com o fim de que, finalmente, uma vez bastante desenvolvida a produção, a indústria de açúcar de beterraba fôsse capaz de concorrer de modo favorável com o açúcar de cana importado, sem mais necessidade de subvenção. Tal meta ainda não foi alcançada, sendo que o açúcar de beterraba vem ainda constituindo um fardo para o Tesouro Britânico. É de se admitir, no entanto, que sem o nosso açúcar de beterraba e as nossas fábricas de extração de açúcar, nós, na Inglaterra, teríamos ficado em situação difícil, no que diz respeito a fornecimentos de açúcar durante a guerra.

Atualmente, o govêrno britânico vem prometendo preços definitivos para todos os principais produtos agrícolas, procedimento êsse que poderá levar à expansão dêste fomento, por meio de subsídio, embora na atualidade constitua mais um seguro contra a ação dos preços descendentes dos produtos importados. O agricultor continua a arcar com os riscos de mau tempo, pestes e falhas

dos seus próprios métodos de agricultura, porém, tem assegurado um mercado para a sua produção inteira, a preço razoável. Isto, no entanto, a custo de se submeter a contrôles governamentais em considerável escala, quanto ao que deve cultivar e qual a proporção das suas terras que deve ser arada, ao invés de servir de pasto, contrôles esse tal como era exercido durante a guerra.

O comentarista de assuntos agrícolas, Sr. A. G. Street, expressou um parecer sobre tais controles no ano passado, quando da ruína de grande parte da colheita em virtude do tempo anormal e quando pareciam desoladoras as perspectivas do futuro. Argumentava êle: "o contrôles é algo contra o qual deve lutar cada agricultor, pois não é necessário senão quando se destina a forçar o agricultor a fazer qualquer coisa que seja realmente contrária a seus próprios e melhores interesses. Caso se destinasse a fazer com que êle fizesse algo no seu próprio benefício, então, tal contrôles não seria jamais necessário". Tal observação não deixa de ser justa, embora às vezes o contrôles seja o meio mais rápido de fazer com que o agricultor aja nos seus próprios interesses, se bem que talvez êle não perceba isto na ocasião. É a Educação o caminho alternativo; porém, Educação é um processo lento! Todavia, mesmo assim, é de se duvidar que o contrôles direto seja o método melhor.

Há, ainda, muito a ser dito em favor do método indireto de subsídio, por lento que seja. Uma das suas vantagens é que, muitas vezes, resulta mais na racionalização da produção do que em despesas contínuas pelo governo, sendo que mesmo os contrôles diretos incorrem em alguma despesa para sua aplicação. Por exemplo, o Conselho de Distribuição de Leite ("Milk Marketing Board") da Inglaterra, tem tido, em geral, êxito notável. Esta organização determina os preços das diversas qualidades de leite, e controla e auxilia o produtor na sua distribuição do produto, embora não intervenha na venda do mesmo nem interfira com os canais de distribuição já existentes — seja para os compradores por atacado, tais como os fabricantes de queijo, seja para o produtor que estabelece os seus próprios meios de vendas a varejo diretamente ao consumidor. A única interferência que existiu foi o racionamento a que deu lugar a guerra. Outra função do Conselho é a de zelar pelos interesses dos consumidores, sendo obrigado o produtor que deseja vender o seu leite, a se

conformar a padrões extremamente rigorosos de asseio. Tôdas as granjas são inspecionadas, periodicamente, a fim de se assegurar a estreita observância destas regras.

Além do mais, o Conselho vem procurando, desde há muitos anos, aumentar a proporção de leite obtido de gado examinado correta e regularmente para se verificar a ausência de tuberculose. Para conseguir êste resultado, o Conselho estabeleceu para o leite desta qualidade preços superiores aos de leite de outras qualidades, fazendo assim com que tais exames constituíssem uma vantagem econômica para o fazendeiro. No entanto, o governo atual tem se queixado de que o progresso dos exames de tuberculina não têm sido bastante extensivos, nem tampouco bastante rápidos, frisando que meios mais diretos devem ser tomados para eliminar a Tuberculose do Gado, embora êstes meios não tenham ainda sido divulgados.

Claro está que, pela própria natureza do produto — leite — a concorrência de fornecedores estrangeiros (a não ser na forma de manteiga ou queijo) não pode interferir com o andamento do plano. Nunca se faz necessário subvencionar os produtores, pois qualquer custo adicional na produção, que torne necessário um aumento de preço, poderá ser acrescido ao preço pago pelos consumidores. Durante a guerra, e desde então, o governo tem auxiliado os fornecimentos de leite a preço barato, especialmente para as crianças menores; isto porém é mais uma medida visando a melhorar a dieta das camadas menos bem alimentadas da população, do que qualquer modificação dos princípios de funcionamento do Conselho de Distribuição de Leite.

Métodos diretos de contrôles têm sido e estão ainda sendo usados no combate a pragas e pestes. Os regulamentos do governo, para a eliminação da hidrofobia e do "warble-fly" (Berne), têm sido em geral coroados de êxito. No caso de peste bovina, porém, ("foot and mouth disease"), não têm sido tão bem sucedidos. Esta peste grassa ainda, periodicamente, embora tão logo se tenha conhecimento de um caso, se abata o rebanho inteiro e se queimem as carcassas, sendo proibido qualquer movimento de gado nas vizinhanças do ocorrido durante um período de quarentena. O dono do gado abatido recebe alguma compensa-

ção, a qual, no entanto, é raramente suficiente para tornar menos séria a perda dos seus animais. Falta ainda provar qual o portador da peste; se são aves, insetos, ou carnes importadas infeccionadas. Neste caso, o contróle não logrará êxito completo enquanto os recursos científicos não forem capazes de completar as informações tão necessárias a um contróle preciso.

As pesquisas científicas, porém, sempre constituíram um dos meios com os quais o govêrno Britânico tem sempre servido aos agricultores, melhor do que na maioria dos outros países. As pesquisas efetuadas em Cambridge, Rothampstead e Kew, para citar apenas três dos mais famosos nomes de estações experimentais, têm sido de grande valor também a países outros, além da Inglaterra, ou mesmo do Império Britânico. Durante os últimos anos êste auxílio tem-se ampliado, incluindo pesquisas sôbre a mecanização da agricultura, com a formação de um Instituto do Ministério da Agricultura, cuja finalidade é ensaiar e comparar vários tipos de máquinas, projetar novas máquinas e mesmo elaborar novos métodos e novos tipos de máquinas.

Existe, em suma, grande número de estabelecimentos experimentais e educacionais na Grã-Bretanha, alguns sob contróle direto do Ministério da Agricultura; outros mantidos por subscrições recebidas dos membros de sociedades, tais como a Sociedade Reral de Horticultura; alguns, cujas despesas são pagas pelos próprios alunos, e alguns, auxiliados pelo govêrno. Tem sido considerado de extremo valor a execução de pesquisas, ainda que para nenhum outro fim especial a não ser o acúmulo de conhecimentos, sendo que, em geral, têm resultado em benefícios inestimáveis para a comunidade em si as despesas incorridas pelo govêrno e por outros, nesse sentido. Não creio ter havido queixas da parte dos que pagam impostos — em qualquer época da história da Inglaterra — por ser usado muito do seu dinheiro em pesquisas científicas.

A verdade é que, no mundo inteiro, temos ainda muito que aprender sôbre quais as melhores sementes a cultivar em cada localidade, como obter dos mesmos a melhor colheita, como combater as pragas e as pestes, e como plantar, cultivar, colher e preservar essas produções da maneira mais eficiente. Para se saber como, cumpre primeiro sa-

ber porque e, muitas vezes, a melhor fonte de conhecimentos que pode ser aplicada a fins especiais, tão logo ela se torne disponível, são as puras pesquisas científicas sem qualquer finalidade determinada. Lembro-me quando, conversando com um cientista na Inglaterra, pouco depois da rendição da Alemanha, êle me disse: “Durante a guerra fomos forçados a viver de nosso capital científico, aplicando teorias conhecidas aos problemas atuais. Não tivemos tempo de elaborar novas teorias, porém, agora, teremos que ampliar os nossos conhecimentos para que possamos resolver muitos problemas novos”.

O que complica as pesquisas é o fato de haver tantos fatores de clima, ambiente e diferentes condições de solo que devem ser levados em consideração, de tal modo que se torna necessário fazer arranjos para que os trabalhos experimentais possam ser realizados ao mesmo tempo em muitos lugares diferentes. Na pequena Inglaterra, onde tudo é coordenado pelo Ministério da Agricultura como autoridade central, é relativamente fácil fiscalizar os trabalhos nas diversas áreas. No Brasil, no entanto, em que existem diferenças muito maiores entre as condições das diversas áreas, há o problema adicional de que os trabalhos das autoridades estaduais devem ser coordenados com os das autoridades federais. Na prática, porém, no campo das pesquisas científicas, parece ter sido bastante bem solucionado êste problema, sendo as únicas restrições as que resultam algumas vezes da falta de apóio administrativo ou financeiro.

O pessoal administrativo de todos os departamentos dos governos se defrontam, sem dúvida, com muitos outros graves problemas, os quais podem ser considerados como sendo mais importantes, isto embora maiores conhecimentos talvez possam ajudar na solução de outras questões. Na qualidade de mero espectador, eu diria que o problema mais premente é o da mecanização da agricultura, problema êste em que o Ministério pode desempenhar papel muito importante, fomentando o cultivo de cereais outros que não o milho — sobretudo o do trigo.

Êste último ponto poderá ser tratado por qualquer dos diversos meios já adotados com relação a diversos outros produtos. O único critério a aplicar é a relativa eficiência e o baixo custo do mecanismo administrativo, e talvez uma amplia-

ção das pesquisas, que já têm continuado durante longo tempo.

A mecanização da agricultura constitui, porém, problema ainda mais complicado. Em primeiro lugar, não é do modo algum fácil dizer-se, ainda, quais as máquinas de que mais precisa o fazendeiro brasileiro. Há necessidade de tratores, porém, há ainda tanto a se fazer no que diz respeito à determinação de quais as melhores ferramentas a adotar para uso juntamente com o trator, e a popularizar os conhecimentos técnicos relativos ao uso juntamente com o trator, e a popularizar os conhecimentos técnicos relativos ao uso e consertos de tratores antes que o seu uso geral possa ser eficiente, que é importante não deixar de lado os apetrechos mais simples, de tração animal, para aliviar, parcialmente, a falta de mãos. Cumpre não perder de vista que o trator é uma fonte de potência e não, em si, apetrecho de agricultura... o que o Brasil necessita não é de meios de tração que podem ser fornecidos também por animais.

Outro fator é o de que, embora as máquinas possam ser adquiridas pelo governo e emprestadas, vendidas ou alugadas aos fazendeiros, a alguém, seja o fazendeiro, seja o governo, compete pagá-las. Se fôr ao fazendeiro que cumpra fazer o pagamento, talvez seja possível persuadi-lo das economias da mecanização de uma forma suficientemente convincente para que ele mesmo compre as máquinas, no início, sem que o governo tenha que financiar o negócio a qualquer tempo, e o problema do governo é mais um problema de educação do que propriamente de finanças. Se a aquisição das máquinas tiver que ser por conta do governo, como parte da política de subvenção ao agricultor, então talvez valha a pena estudar-se o modo pelo qual agiu, a este respeito, a Inglaterra onde, durante a guerra, foram organizados comitês em tôdas as zonas, para orientar, e, se necessário, fiscalizar as operações dos fazendeiros. Esses comitês eram equipados com máquinas apropriadas àquela área, para auxiliarem os agricultores, arrendando-lhas quando delas tivessem necessidade. As máquinas continuavam sendo da propriedade dos comitês locais, que as conservavam em bom estado de funcionamento. Esses comitês, seja dito de passagem, eram compostos em parte de pessoal do Ministério da Agricultura, incluindo, também, no

entanto, alguns dos agricultores locais, que agiam a título de conselheiros.

Há, porém, muitos meios pelos quais o governo pode prestar grandes auxílios; talvez sem as mesmas aparências exteriores, porém, também com bastante eficácia. O principal desses meios são os trabalhos experimentais, de que ainda há necessidade, para se de terminar em quais as máquinas mais necessárias pôsto que muitos dos problemas do Brasil são inteiramente desconhecidos pelos fabricantes de apetrechos agrícolas. O segundo é o fomento, mesmo financeiro, da fabricação no Brasil de máquinas e apetrechos. Este último, mormente sob as condições atuais, em que a necessidade de máquinas — em maior número do que é possível comprá-las, — é tão grande, é uma inversão mais capaz de produzir lucros do que despesas. Além do mais, não há dúvida de que é uma boa política a de fazer-se o uso mais amplo possível da capacidade produtiva do Brasil numa época em que são tão restritos os fornecimentos de outros países. Finalmente, há o problema que surge do lado experimental, e está sempre presente, da instrução do fazendeiro com respeito às modernas técnicas de agricultura, e, na parte técnica, a ampliação dos conhecimentos relativos aos cuidados, ao manêjo e aos consertos das máquinas e seus apetrechos.

Todos estes são assuntos em que os fabricantes das máquinas podem prestar auxílio ao país, o que, em seu próprio benefício, lhes cumpre fazer; porém, é de se duvidar que estejam dispostos a fazer o trabalho inteiramente por si sós, com a rapidez exigida pelas necessidades do país. É muito de desejar, portanto, a ação do governo a este respeito, sendo lícito asseverar que a inversão de fundos governamentais para tais assuntos constituirá dinheiro bem gasto, a serviço do país.

Há um velho provérbio latino, que diz: "Bis dat qui cito dat", ou seja, "Dá duas vezes, quem dá depressa". Quando mais prontamente se der auxílio à agricultura do Brasil, mais cedo poderão os agricultores produzir mais, aumentando, assim, as rendas nacionais; quanto às demoras, tão frequentemente causadas pela obstrução administrativa desnecessária, tal como acontece em todos os países, são, na verdade, uma despesa real, e não uma economia para o país.

Talvez o modo mais simples de se expressar tudo isto é dizer que, no Brasil, há excelentes serviços técnicos para pesquisas científicas, que há muitas estações experimentais excelentes dedicadas a quase todos os ramos da agricultura do país, e que há também ótimos estabelecimentos de instrução para divulgação dos conhecimentos assim

adquiridos. Há, além do mais, certas fábricas bem equipadas, capazes de produzir máquinas agrícolas. É, pois, dever do govêrno aqui, como o é em todos os outros países, assegurar que os bens do país sejam usados plenamente e não sejam forçados a operar em base pouco econômica, por falta de apoio.